

**Folhinhas de algibeira do século XIX: as tipologias e as possibilidades de definição do gênero editorial**

Ana Paula Pedersoli Pereira<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Minas Gerais

[paulinhapedersoli@gmail.com](mailto:paulinhapedersoli@gmail.com)

Brasil

Isabel Cristina Alves da Silva Frade<sup>2</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais

[icrisfrade@gmail.com](mailto:icrisfrade@gmail.com)

Brasil

**Resumo**

Este resumo faz parte de um projeto maior que teve como objeto compreender as relações entre impresso, leitura e leitor, a partir de um estudo analítico-descritivo-comparativo das Folhinhas de Algibeira publicadas no século XIX. No presente trabalho buscamos problematizar as possibilidades de definição do gênero folhinha, visando compreender quais as características simbólicas, materiais, estruturais e textuais desse impresso que o tornam, em sua aparência e “essência”, uma folhinha de algibeira. Dialogando com modelos como os do almanaque, o impresso denominado “de algibeira” tem formato pequeno, pode ser carregado no bolso em ou outro compartimento da roupa, apesar de ter muitas páginas, reforçando a dimensão simbólica e material de algo essencial de que se pode lançar mão em qualquer situação. A investigação fundamenta-se nos estudos da

---

<sup>1</sup> Pedagoga, mestre e doutora em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e realizou doutorado-sanduíche na Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yveline, França, pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, financiado pela CAPES. Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Professora da Educação Básica da prefeitura de Belo Horizonte. É pesquisadora do Grupo de pesquisa – Centro de Alfabetização, leitura e Escrita – CEALE – FaE-UFGM, e membro do Grupo de Pesquisa em Alfabetização (GPA) do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita CEALE/FAE-UFGM e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita da FaE/UFGM.

<sup>2</sup> Pedagoga pela PUC/MG, mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorado pela FE/USP /Brasil e Institut National de Recherche Pédagogique/França (2006/2007) e pela UDESC/SC (2011/2012). Professora titular da FAE/UFGM, atuando na Pós-Graduação. Atua como pesquisadora do CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da FAE/UFGM), tendo coordenado o Setor de Formação Continuada do CEALE; É co-editora do Jornal Letra A - o jornal do alfabetizador. Participa dos grupos "Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita" da FAE/UFGM, do GPA (Grupo de pesquisa em alfabetização), do NEPCED (Núcleo de estudos sobre cultura escrita digital) ambos do Ceale e foi integrante do Grupo Aladim (Alfabetização e letramento em ambientes interativos e multimodais) da FAE/UFGM. Trabalhou como integrante ou coordenadora de vários projetos como PNLD, PNBE, Pro-Letramento, PNAIC e na Base Nacional Comum Curricular. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação e Linguagem, atuando principalmente nos seguintes temas: alfabetização, história da alfabetização e das cartilhas, história da cultura escrita, letramento, cultura escrita, alfabetização e letramento digital. É autora de vários textos científicos e de materiais para a formação inicial e continuada de professores da Rede Nacional de Formação Continuada do MEC, do projeto Veredas e da UAB/UFGM. Atuou na direção do CEALE (2012-2014). Presidente da Associação Brasileira de Alfabetização- gestão 2018-2019

História Cultural, da História do livro e da Leitura e da Literatura popular ou de ampla circulação, como aqueles empreendidos por Roger Chartier e Jean-Yves Mollier, permitindo a compreensão do impresso como fonte histórica e como objeto físico. O corpus da pesquisa é constituído por 45 folhinhas do acervo “Catálogo de Obras Raras”, publicadas no século XIX. Os resultados indicam que mesmo com índices de alfabetização menores que 20%, no período, o impresso pretende ampla circulação nas casas e bolsos de vários leitores, apresentando um forte caráter de guia de socialização do tempo. Seu formato possibilita carregá-la no “bolso/algibeira, ou seja, portá-lo junto ao corpo, indicando que seria esse um material de muita necessidade. Para diferenciar as folhinhas de uma mesma editora publicadas num mesmo ano, criam-se várias especializações (jogos, namoro, plantio) entre outras, aplicando-se uma fórmula editorial que emprega um formato geral para todos os exemplares acrescido de partes específicas que lhe dão nome e isso configura uma forma de segmentação de leitores e uma identidade para cada título inventado.

**Palavras-chave:** História do livro; Edição; Folhinhas de Algibeira; Literatura de ampla circulação.

### **Resume**

Este resumen forma parte de un proyecto más amplio que tuvo como objeto comprender las relaciones entre impreso, lectura y lector, a partir de un estudio analítico-descriptivo-comparativo de los Almanques de Bolsillo publicados en el siglo XIX. En este trabajo se problematizan las posibilidades de definición del género almanaque, con el fin de comprender qué características simbólicas, materiales, estructurales y textuales de este impreso lo convierten, en su apariencia y “esencia”, en un almanaque de bolsillo. Al dialogar con modelos como los del almanaque, el impreso llamado “de bolsillo” tiene formato pequeño, se puede llevar en el bolsillo o en otra parte de la ropa, aunque tiene muchas páginas, lo que refuerza la dimensión simbólica y material de algo esencial que se puede utilizar en cualquier circunstancia. La investigación se fundamenta en los estudios de la Historia Cultural, de la Historia del libro y de la Lectura y Literatura popular o de circulación masiva, como aquellos emprendidos por Roger Chartier y Jean-Yves Mollier, lo que permite la comprensión del impreso como fuente histórica y como objeto físico. El corpus del estudio está compuesto de 45 almanques del “Catálogo de Obras Raras”, publicadas en el siglo XIX. Los resultados señalan que, aunque la tasa de alfabetización era inferior a un 20%, en aquel entonces, el impreso tenía circulación masiva en las casas y los bolsillos de varios lectores y cumplía un rol de guía de socialización de aquel momento. Su formato possibilita cargarlo en el bolsillo, es decir, llevarlo junto al cuerpo, lo que demuestra que sería un material de mucha necesidad. Para diferenciar los almanques de una misma editorial publicados en el mismo año, se crearon varias especializaciones (juegos, noviazgo, plantío) entre otras, utilizando una fórmula editorial que emplea un formato general para todos los ejemplares, añadido de partes específicas que le dan nombre. Eso configura una manera de segmentación de lectores y una identidad para cada título inventado.

**Palabras clave:** Historia del libro; Edición; Almanques de Bolsillo; Literatura de circulación masiva.

## **Introdução**

Este trabalho faz parte de um estudo analítico-descritivo-comparativo sobre folhinhas publicadas no Brasil, no século XIX, que problematiza as relações entre impresso, leitura e leitor, buscando recuperar leitores pretendidos, estabelecer relações entre formato e usos, o conteúdo, formas de composição do impresso e leituras estimadas. Neste artigo, problematizamos as possibilidades de definição do gênero folhinha, visando compreender quais as características simbólicas, materiais, estruturais e textuais desse impresso que o tornam, em sua aparência e “essência”, uma folhinha de algibeira, assim, discutiremos a fórmula editorial das folhinhas, que emprega um formato geral para todos os exemplares, acrescido de partes específicas relacionadas diretamente com a tipologia do impresso, configurando uma identidade para cada título inventado.

A investigação fundamenta-se nos estudos da história cultural, da história do livro e da leitura e da literatura popular ou de ampla circulação, como aqueles empreendidos por Roger Chartier, Robert Darnton, Jean-Yves Mollier e Lise Andries, permitindo assim, a compreensão do impresso como fonte e como objeto histórico. Ao analisar um impresso, entendendo a sua história, é possível perceber as ideias transmitidas e o modo como a palavra impressa podia influenciar o comportamento e a mentalidade de determinados grupos (DARNTON, 2010). Especialmente sobre a formação dos leitores mobilizamos os estudos de Roger Chartier (1990, p. 30) que ressalta que as “estratégias de publicações sempre moldam práticas de leitura”; assim, através da análise do impresso, como fonte e como objeto, pode-se recuperar leitores pretendidos.

O *corpus* da pesquisa é constituído pelo conjunto de folhinhas que fazem parte do acervo “Catálogo de Obras Raras – Periódicos”, intitulado: Folhinhas, que está sob a guarda do Arquivo Público Mineiro. As 45 folhinhas analisadas foram publicadas no século XIX, entre 1832 e 1888, e editadas por quatro editoras diferentes, três instaladas no Rio de Janeiro (Laemmert, Guimarães e Ogier) e uma localizada em Minas Gerais (Typografia do Universal). Foi também utilizada como fonte a imprensa periódica da época.

Em atenção ao *corpus* de folhinhas da nossa pesquisa, constatamos que os impressos analisados trazem características encontradas nas definições de almanaque e de folhinhas publicadas em verbetes de dicionários da época. A semelhança com o gênero almanaque se reforça, inclusive, quando se verificam a estrutura, o formato e o conteúdo. As folhinhas estudadas na pesquisa apresentam-se em forma de um livro e trazem todos

os elementos descritos no verbete “Almanák” e nas definições de “Folha” e “Folhinha” do Dicionário da Língua Portuguesa, de Antonio de Moraes e Silva de 1823: como os santos para cada dia do mês e as festividades. assim como a presença do calendário, e a noção de guia subjacente a ele, sendo estabelecida uma relação com uma prática de consulta diária do impresso. Todavia, destacamos que, apesar de todas as publicações analisadas terem em sua tipologia a palavra folhinha, esse termo abrange muitos outros significados e características que a definição de folhinha do dicionário da época não consegue abarcar. A folhinha traz consigo a ideia de uso/circulação junto ao corpo, então “quem tem hoje uma Folhinha possui em diminutas páginas de papel que se acomodam em qualquer algibeira<sup>3</sup>”. Esses dizeres, tirados da carta ao leitor da *Folhinha de Saudade para o ano de 1857*. p. 3, em diálogo com as análises dos impressos do nosso *corpus*, permitem-nos indagar sobre o peso que o formato das folhinhas analisadas e a sua promessa ou possibilidade de se acomodar em qualquer algibeira têm, na definição do gênero. Sobre a materialidade do suporte, as folhinhas variam de 252 a 401 páginas, elas apresentam-se em folhas com dimensões pequenas, em formato de livro, variando de 9,0cm x 6,0cm a 13cm x 9,0cm.

Será que, pelo formato e por essa frase da citação, podemos dizer que todas as folhinhas que fazem parte do acervo analisado devem ser consideradas como folhinhas de algibeira? Ao mesmo tempo em que é possível enquadrar as folhinhas do corpus, pelas características de tamanho, como pertencentes ao gênero que se acomoda na algibeira, questionamos: todas as folhinhas que se acomodam em qualquer algibeira não deveriam trazer em sua tipologia a palavra algibeira? A tipologia algibeira está relacionada ao formato ou ao conteúdo?

Problematizamos certas questões, pois há, no corpus da pesquisa, folhinhas com tipologias diversas, sendo apenas duas que se denominam como Folhinhas de Algibeira. No entanto, com base nas dimensões das nossas folhinhas e no seu formato, podemos afirmar que todas elas conseguem se acomodar em uma algibeira. Assim, o formato possibilita a circulação desse impresso de uma maneira singular, “presa ao corpo” em

---

<sup>3</sup> Em algumas edições do dicionário de Antonio de Moraes Silva, do século XIX, o verbe algibeira: ALGIBEIRA, s. f. Bolso no vestido, onde se guarda alguma coisa. (SILVA, 1813, p. 93); ALGIBEIRA, s. f. Bolso no vestido, onde se guarda alguma coisa. (SILVA, 1823, p. 98); ALGIBEIRA, s. f. Bolso no vestido, onde se guarda alguma coisa: it. Por fora das sayas das mulheres; junto da maneira. (SILVA, 1831, p. 85); ALGIBEIRA, s.f (em Arab. Aldjib). Bolso nos vestidos, onde se guarda alguma cousa; ou por fóra das saias das mulheres junto da maneira. (SILVA, 1877, p. 86).

qualquer algibeira, por isso as folhinhas que são fonte de nossa investigação podem ser denominadas *Folhinhas de Algibeira*.

Em um país que tinha baixíssimos índices de alfabetização no período em que as folhinhas foram publicadas, século XIX e no qual aproximadamente 84%<sup>4</sup> das pessoas não sabiam ler, quem seriam os leitores pretendidos por uma publicação que visava atingir todas as regiões e tipos de leitores/ouvintes? Como ela se anunciava aos leitores? Como a publicação se dirigia aos leitores? Como o formato e a função se relacionavam com os tipos de leitura? Estas foram perguntas que guiaram a análise das folhinhas.

### **As folhinhas: as tipologias e as possibilidades de definição de um gênero editorial**

Ao comparar diferentes impressos, por sua similaridade ou diferença, em relação às Folhinhas, constatamos a dificuldade na definição do gênero Folhinha, por dois motivos: a incipiência de estudos que tenham como objeto as especificidades do gênero e a sua similitude com outros gêneros editoriais, por exemplo, o almanaque.

Ao analisá-los, constatamos as semelhanças entre os impressos, a começar pela estrutura das Folhinhas, que se aproxima da dos almanaques (NEVES, 2010); de sua função de conselheiro e guia, um objeto ao mesmo tempo ‘guia’ e ‘semiologia do tempo’ (BOTREL, 2001), muito semelhante à ideia presente no discurso encontrado em nosso corpus documental, de “guiar pedagogicamente” os leitores no tempo social. Outra semelhança a destacar é a noção de ‘assemblage’ – composto de saberes (BOTREL, 2001), fortemente presente nas Folhinhas, através das diversidades de saberes, assuntos e conteúdos. Embora o conceito de popular seja complexo, outro dado, não menos importante, é a consolidação desses impressos como referência de veículo de comunicação popular (MEYER, 2001).

Os almanaques durante séculos ganharam lugar de destaque entre os livros de grande circulação e no universo da edição popular (BOTREL, 2001), assim como as Folhinhas, que pelo seu preço e tamanho, elementos materiais fundamentais para

---

<sup>4</sup> Recenseamento geral do império de 1872. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger; Tip. Commercial, 1876. 23 v. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em 13 de setembro de 2018. Sobre a relação entre a população total do ano de 1872 e a instrução (saber ler e escrever e analfabeto), de uma população total de 9.930.478 (referente aos homens e mulheres livres e escravos) declararam saber ler e escrever: 1.565.454 e declararam analfabetos: 8.365.024, resultando, assim, uma porcentagem de aproximadamente, 15,7% de sujeitos que declararam ler e escrever e 84% de sujeitos que se declararam analfabetos. E, em atenção à população escolar e à instrução, do total de 2.092.784 da população escolar (sujeitos com idades 6-15 anos), 1.565.681, não frequentam a escola e 251.792 frequentam a escola, em porcentagem, respectivamente de, aproximadamente, 74,8% e 12%.

caracterizar sua especificidade, tinham uma ampla circulação e destinavam-se “às diversas camadas sociais, em especial aquelas (sic) situadas nas fímbrias da sociedade, desde que possuíssem letramento.” (NEVES, 2010, p. 236). Isso permite associar as Folhinhas destinada ao grande público a um tipo de leitura (autônoma) mas também acessada pela audição do que é lido por outrem que empresta sua fala, considerando os limites da população alfabetizada no período. Mas quem se supõe ser o grande público? Que lugar ocupa esse tipo de impresso na história da leitura e na história editorial do Brasil?

Assim, uma primeira possibilidade de definição decorre de serem as Folhinhas, tais como os almanaques, parte da literatura de circulação mais ampla, mais que daquela propriamente popular (ANDRIES, 1996b). Essa comparação se justifica uma vez que são perceptíveis, na análise das folhinhas, a complexidade do conteúdo e, concomitantemente, as características de um livro popular, de capa brochada, papel barato e produzido com um baixo custo de edição (El Far, 2006). Esses elementos ajudam na compreensão de que esse tipo de impresso propicia uma leitura múltipla, permitindo ao leitor se apropriar de modo diverso do que está sendo lido. Essa fórmula editorial traz a ideia de “popularização do uso”, não no sentido de vincular o popular à classe social, mas no sentido de uma estratégia editorial que produz um impresso capaz de atingir ampla circulação e com possibilidades de leituras múltiplas, especialmente pelas escolhas gráficas.

Nas páginas das nossas Folhinhas, destaca-se um “recolhimento de dados de natureza diversa” (Nova, 1996) e a afirmação de ser [...] a Folhinha hoje em dia é um repertório de fatos”. Essa multiplicidade também se refere aos signos, como nos estudos sobre almanaques (NOVA, 1996), em que há um determinante que é o signo gráfico verbal, mas associado a outros signos, como o visual e o cinético, despertando, assim, multiplicidades de significados no momento da leitura.

A diversidade de assuntos (temas/funções) que esses impressos trazem em seu conteúdo, ao apresentar elementos literários, informativos, editoriais, didáticos, de devoção, tradição, utilidades, místicos, astrológicos, cosmológicos organiza a tipologia das obras (Park, 1999), pode interessar a vários tipos leitores. De modo similar aos almanaques a Folhinha é “...um pequeno grande livro que desempenha seu papel político pedagógico, além de apontar e direcionar para o sentido da matriz vida e morte, ele próprio é marcado pela brevidade: um ano de duração.” (PARK, 1999, p. 16 e 17).

Destacamos que a forma discursiva desses assuntos traz nas entrelinhas

ideologias políticas, econômicas e religiosas que dialogam com a multiplicidade de significados e que se relacionam dentro de um contexto de socialização do tempo, assim, reforça-se o forte caráter de “guia do tempo” desse tipo de publicação. A partir da análise dos impressos selecionados, constata-se que a ideia de organizar e administrar o tempo estava fortemente plasmada no conteúdo dessas publicações, talvez por isso, independente do formato, do número de páginas, do conteúdo e do leitor pretendido, o calendário aparece em todas elas, com os dias de cada mês e suas respectivas datas comemorativas e feriados, bem como a indicação de santos para cada dia do ano, justamente para organizar o tempo social, tempo este que se refere à organização dos sujeitos dentro das esferas civil e religiosa. Nas palavras de Nova (1996) “[...] organizar e administrar o tempo, situar nele as coisas e os seres para assegurar a continuidade da vida: eis aí, talvez, a razão do calendário. O tempo social organizado corresponde ao tempo civil e ao tempo religioso.” (p. 54).

Em geral, as Folhinhas trazem em suas páginas impressas informações/notícias para os leitores, com conteúdos relacionados à ordem civil e religiosa. No que diz respeito à ordem civil, aparecem assuntos sobre utilidade pública. Por exemplo, seções que remetem especificamente à vida pública e ao funcionamento oficial do império, com indicações de seções e audiências públicas; informações sobre a Casa Imperial, destacando os principais membros da dinastia reinante; apresentação do consulado brasileiro e estrangeiro; a crônica nacional contendo fatos históricos do Brasil e de outros países; e, em alguns casos, os fatos notáveis, com a descrição de outros de mesmo teor, mas referentes ao ano anterior ao da publicação. Ou seja, a Folhinha serve como um balanço do que se passou.

Sobre a ordem religiosa, constam nos impressos analisados as “têmporas”, o cômputo eclesiástico, as festas e feriados religiosos, a seção sobre advertência, com proibições e informações aos cristãos, bem como a indicação dos santos para cada dia dos meses. Há ainda as notícias cronológicas, com as festas móveis, os feriados, dias de grande gala e pequena gala. Há ainda, no que tange a socialização de tempo, informações sobre fases da lua, ocorrências de eclipses solar e lunar para o ano da Folhinha, informações astrológicas e alguns prognósticos para crianças nascidas em cada mês, que aparecem na seção “Ano Novo”.

Assim, todo o conteúdo das nossas Folhinhas revela uma intenção de guiar “pedagogicamente” os sujeitos dentro de um tempo social. Mais precisamente, essas publicações sugerem a ideia de conduzir os leitores por intermédio de “um tempo

simultaneamente coletivo e individual [...]” (LE GOFF, 2013, p. 441). Mais especificamente, em similitude também ao gênero dos almanaques, há a intenção de guia baseada na ideia de tempo cíclico: “expressa não só na presença do calendário, mas também na própria escolha e concepção da informação.” (ANDRIES, 1996b, p. 289). Ou seja, a noção de controle do tempo dentro de um contexto de relações de poderes, em que os saberes (civis, eclesiásticos, astrológicos e astronômicos) concorrem entre si intencionalmente para guiar seus leitores.

Nessa mesma perspectiva, nossas Folhinhas produzem um discurso de valorização da nacionalidade e, muitas vezes, de “comunhão” com a religião. Sobre a expressão “comunhão” que utilizamos, destacamos novamente os estudos de Nova (1996). Ao se referir ao gênero almanaque, seu objeto de estudo, essa autora menciona que as duas formas ideológicas, cristianismo e patriotismo, como sistemas de pensamento, orientam e são capazes de atender às necessidades básicas dos leitores quando se aponta para o objetivo mais enciclopédico dos almanaques, em relação aos assuntos relacionados à História e à Ciência de um modo geral.

Reforçando a ideia de guia das Folhinhas, destacamos também outra associação feita por Hallewell (2005) sobre as Folhinhas anuais da Editora Laemmert, que começaram a ser publicadas em 1839 e que foram definidas pelo autor como guias de bolso. A priori, cabe destacar novamente que essa editora é responsável pela maior parte das Folhinhas que compõem o corpus desta pesquisa e que essa definição “Guia de bolso” é muito significativa, no que tange, especialmente, a nossa busca pela definição desse gênero editorial. Ressaltamos também o uso do termo “miscelânea literária”, o que nos mostra ser essa publicação uma espécie de mosaico. Por sua vez, a expressão “guias de bolso” confirma seu uso prático como guia ou mesmo um processo de produção dessa necessidade pelo mercado editorial:

[...] em pouco tempo começaram a editar e, em 1839, iniciaram a publicação de sua Folhinha anual, uma miscelânea literária organizada por Eduardo, que contribuiu com muito material de sua própria autoria. A principal linha editorial era constituída por guias de bolso e outras publicações semelhantes, produzidas rapidamente para atender à demanda do mercado.” (HALLEWELL, 2005, p. 234).

A ideia de miscelânea literária (Halleweel, 2005), confirma-se na análise de nosso corpus. As Folhinhas apresentam uma diversidade de assuntos e, independentemente da sua tipologia, nota-se que esses impressos conservam, na maioria das vezes, as



estruturas das suas seções, mesmo possuindo diversidade de conteúdo. Isso quer dizer que, nelas, encontramos permanência e movimento (Pereira, 2019). Constata-se esse mesmo fenômeno na pesquisa sobre almanaques estudados por Dutra (2005), em que há um movimento de modificação ou de incorporação de temáticas ao longo dos anos de publicação, mas há sempre um espaço “reservado aos calendários, via de regra com os santos do dia, e ao horóscopo, sobrevivência dos grandes prognósticos astrológicos” (DUTRA, 2005, p. 17). As Folhinhas também trazem certas modificações que variam de publicação para publicação, de editora para editora, mas há elementos que aparecem sem exceção em todas elas, marcando a identidade desse gênero, especialmente a característica de diversidade de assuntos encontrada nessas publicações.

A diversidade de assuntos nas Folhinhas reforça dois aspectos essenciais. Primeiro, a ideia de conteúdos que guiam seus leitores em diferentes dimensões, seja civil, religiosa, astrológica ou astronômica. Segundo, a ideia de abrangência de uma ampla rede de leitores, pois, uma vez que se diversificam os assuntos, pretende-se também diversificar o tipo de público para o qual eles estão voltados. Portanto, havia um claro objetivo de atrair os leitores dos mais variados gostos e, como já mencionado anteriormente, com diferentes e múltiplas habilidades de leitura. Exemplificando essa diversidade de assuntos, a expectativa de abrangência de leitores, destacamos o anúncio das folhinhas Laemmert no “Guia do Rio de Janeiro ou indicador alfabético” do ano de 1867. A partir dele, podemos conhecer a descrição dos assuntos que estarão nessas Folhinhas e o destaque dado à mistura do útil e do agradável, dos assuntos variados, do caráter de instrução, recreação e dos preços, que serão comentados a seguir.

# FOLHINHAS DE LAEMMER

1867 — VIGESIMO-OITAVO ANNO

Ornadas de Finissimas Vinhetas, dos feits retratos de SS. AA. H. D. Isabel e B. Leopoldo SS. AA. os Srs. Conde d'Eu e Duque de Saxe, do Visconde de Tamandaré, do General Pimenta, outros eminentes personagens e santos, bem como das vistas de Montevideo e Assunção, contendo o sempre applaudido artigo post-humum.

## O ANNO NOVO

adornado com muitas barbaças vinhetas; a Chronica Nacional relatando os factos historicos interessantes de 1866—1867, principalmente os da guerra do Rio da Prata; a Augustissima Imperial; honras e titulos dos chefes dos principaes Estados; Dias de Gala e de Audiencias; do Sul e da Luz; Suspendore, Corpo diplomatico e Consular nacional e estrangeiro; Partida dos Correios; Emolumentos que se cobriro nos Tribunaes do Commercio, etc.

## TITULOS E CONTEUDO ESPECIAL

do grande sortimento das diferentes Folhinhas, que todas tambem contém no principio materia adma especificada; a saber:

### FOLHINHA IMPERIAL DE ESCRITORIO

- 1 Folhinha do Jardinero e Arboricultor, com um resumo do Manual do Jardinero.
- 2 Folhinha Recreativa Brasileira, com uma excellente colleção de factos notaveis, occorrencias singulas.
- 3 Folhinha de Moral, contendo a Novella moral: O Anjo da Guarda ou a Feliz Familia.
- 4 Folhinha dos Theatros, contendo o Prerogativo em um acto: Manda quem pôde.
- 5 Folhinha Miscellanea, contendo o segundo Ramalhete de Anecdota, Contos, Bernardicos, etc.
- 6 Folhinha de Variedades curiosas e interessantes.
- 7 Folhinha Theatral, contendo a linda comedia em um acto: A Homozopthia.
- 8 Folhinha de Historicos, Contos e artigos muy interessantes.
- 9 Folhinha Comica, contendo a scena comica, original brasileiro: Um Paulista de volta da Corte.
- 10 Folhinha Enigmatica, contendo um novissimo cofre de charadas.
- 11 Folhinha da Guerra, com a Rel. chronologica dos factos novissimos da actual Guerra do Brasil. Duas partes.
- 12 Folhinha de Medicina Domestica e Popular, contendo uma colleção de artigos de Medicina.
- 13 Folhinha de Contos Moraes, contendo os contos: Amor e Dever, e a Carteira Perdida.
- 14 Folhinha do Fim da Verdade, ensinando o Caminho para a Virtude.
- 15 Folhinha Industrial, contendo uma collec. de processos industriaes, fórmulas e receitas de facil applicação.
- 16 Folhinha do Syst. Metrico, contendo um breve e facil Compendio deste systema, adoptado no Imp. do Brasil.
- 17 Folhinha Mac., pela qual se obtem saber os dias e m. Mac., com a relac. das loizadotric. Or. do Brasil.
- 18 Folhinha de Novas Casas Engracadas, contendo uma colleção de visões casas e anecdotas.
- 19 Folhinha da Nova Linguagem das Flores, contendo o Novo Dicc. das Flores, pedras preciosas, etc.
- 20 Folhinha de Novas Sortes, contendo uma rica colleção de engracadas sortes para as noites de Folia.
- 21 Folhinha do Impio Contido, com respostas breves e familiares ao objecto, contra as Verdades da Folia.
- 22 Folhinha Para entretenimento das Familias Brasileiras, contendo a Linguagem da Musica.
- 23 Folhinha da Lavoura Rotineira, com idéas praticas sobre a lavoura e a Plantação do Tabaco na Bahia.
- 24 Folhinha do Charadista, contendo uma linda colleção de Charadas.
- 25 Folhinha de Sonhos e visões nocturnas, com a arte de explicá-los, em fórma de dictionario.
- 26 Folhinha do Anecdotaista, com uma rica colleção de Novissimas Anecdotas e Ditos engracados.
- 27 Folhinha Militar, contendo o romance hist.-juridico: A Bata de Malhada, ordenanca do Conde de Albuquerque.
- 28 Folhinha Religiosa, contendo a Vida dos Santos do especial venerado na igreja de Deus.
- 29 Folhinha de Braz Gomes, que foi perseguido pela Inquisição.
- 30 Folhinha dos Chapéus, com a hist. curiosa dos chapéus, suas fórmulas e as transform. por que passam.
- 31 Folhinha do Romancista, contendo o romance brasileiro: A Camisa preta.
- 32 Folhinha Enigmatica, contendo uma nova colleção de enigmas pittorescos.
- 33 Folhinha de Braz Tisana, com a ultima collec. de cartas do Visc. de Kikiriki a sua esposa e respostas.
- 34 Folhinha Economica, com uma nova série de receitas.
- 35 Folhinha de Anecdota Religiosa para a educação da mocidade e instrução dos feios.
- 36 Folhinha do Fabulista, com uma escolhida colleção de fabulas em verso rimado, illustrada com oitenta e sete gravuras.
- 37 Folhinha de Lindos Contos: Oréstes e Pylades, e outros.

### E muitas outras de instrução e recreio.

— Vinte e oito annos de incessantes esforços para a prosperidade da presente pu- blicação, ajudados por penhas habéis, são hoje coroados pela grande procura e geral acção aos feios calendarios em todo o Imperio Brasileiro, pois misturando o util e o agradável, com o jocoso, apresentando variedade em todas as suas combinações, alcançamos crear um de publicações periodicas, que por sua barbaça penetra até nas mais modestas habitações; e seus imitadores espalha a instrução entre o povo, derrama o conhecimento da legislação recreia nas horas vagas a quem não tem posses para a compra de dispendiosos livros, e o amor da leitura por meio de tratados resumidos e populares em todos os generos da lit. Por isso as pessoas que costumão comprar porções de Folhinhas, e desejo achar-lhes tração, devem recomendar expressamente que sejam compradas no Rio de Janeiro.

EM CASA DE E. & H. LAEMBERT, RUA DA QUITANDA N. 77.

**Fonte:** Guia do Rio de Janeiro ou indicador alfabético. Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional. Casa dos editores Eduardo e Henrique Laemmert. 1867, p. 100.

Esse anúncio, ao apresentar também uma lista de Folhinhas publicadas pela editora e para o mesmo ano, ajuda a problematizar sobre a tipologia das obras e sobre a expectativa de abrangência de públicos diversos, uma vez que, ao diversificar os títulos, pode-se dizer que há a intenção de atrair mais leitores. Através de nossas análises, percebemos que a tipologia está diretamente relacionada aos apêndices das Folhinhas. Nas Folhinhas que fazem parte do corpus desta pesquisa, quando estas são da mesma data de publicação e da mesma editora, a única modificação identificada entre uma e outra é o caderno anexo, o apêndice, e esse está relacionado à tipologia da publicação. Se for analisada apenas a quantidade de títulos distintos, vemos que a editora Laemmert lançou 37 para o ano de 1867, sem contar a quantidade de Folhinhas produzidas e incluídas na expressão “E muitas outras de instrução e recreio”.

A expressão “E muitas outras de instrução e recreio” possibilita identificar uma relação direta das Folhinhas com a ideia de popular, no sentido de um periódico de ampla circulação e de ampla abrangência de seus leitores, pelo seu preço acessível, pela sua utilidade com os assuntos de instrução e pelo seu divertimento. Segundo o anúncio:

vinte e oito annos de incessantes esforços para a prosperidade da presente publicação annual ajudados por pennas habeis, são hoje coroados pela **grande procura e geral aceitação** dos nossos fieis calendarios em todo o Imperio Brasileiro, **pois misturando o util e o agradável, o serio com o jocoso, apresentando a variedade em todas as suas combinações** alcançamos crear **um genero de publicações periodicas, que por sua barateza penetra até nas mais modestas habitações**; excluindo seus imitadores, **espalha instrução entre o povo, derrama o conhecimento da legislação do paiz, recreia nas horas vagas** a quem não tem posses para a compra de dispendiosos livros, e infiltra o amor da leitura por meio de tratados resumidos e populares em todos os generos da litteratura [...] (*Guia do Rio de Janeiro ou indicador alphabetico*, 1867, p. 100, grifos nossos).

Esses dizeres do anúncio, em diálogo com a análise do nosso corpus, permitem constatar que a Folhinha é um gênero editorial de publicação periódica, anual, que mistura assuntos, funções e usos. Ela apresenta variedade em todas as suas combinações, sejam nos assuntos civis, eclesiásticos, astrológicos ou astronômicos, instrui seus leitores sobre a utilidade pública, sobre assuntos relacionados ao Brasil e a outros países do mundo. Ao mesmo tempo, em algumas de suas publicações, traz a ideia de divertimento, de recreação nas horas vagas de lazer, com as seções de charadas, anedotas e enigmas. Chama atenção a advertência sobre imitações, o que mostra que havia um espécie de concorrência e uma aceitação e rentabilidade do gênero que, por sua vez, tem preços módicos para atingir modestas habitações, embora não possamos discutir melhor o que isso significava para o perfil econômico da população e suas expectativas culturais.

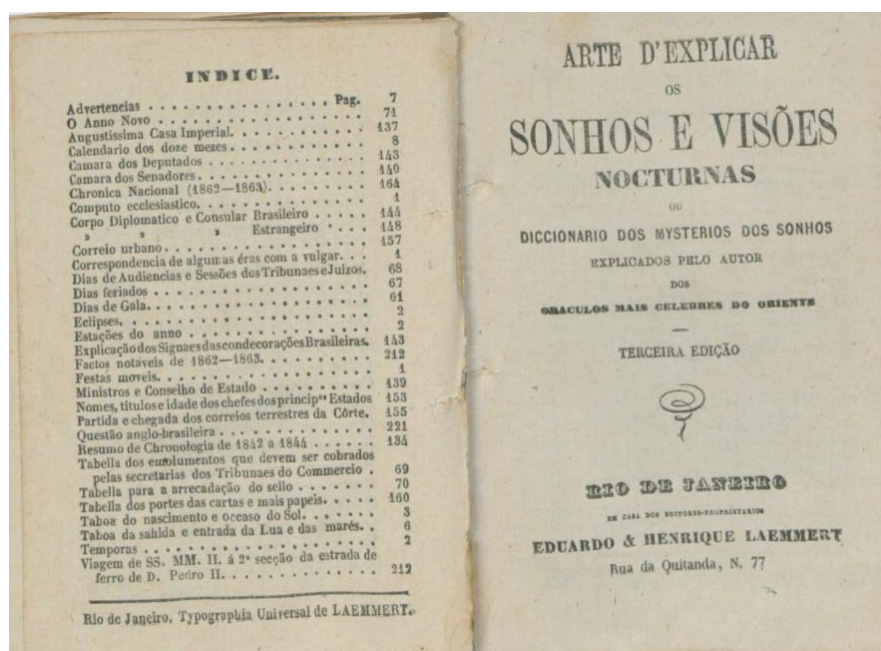
As Folhinhas apresentam títulos respondem a certos interesses ou buscam criar especificidades do público leitor a que se destinam: são elas civis ou eclesiásticas, eclesiásticas e civis simultaneamente, com títulos específicos que indicam segmentação do público leitor, como *Folhinha dos sonhos para o anno bissexto de 1864*, *Folhinha Homeopathica 1860*, *Folhinha do Charadista: 1867*, *Folhinha da boa moral: 1861*, entre outras. Mesmo quando trazem em seu título somente a expressão Folhinha para um ano determinado, como, por exemplo, *Folhinha para o anno de 1863*, independentemente da tipologia, parte do seu conteúdo é praticamente idêntico às

Folhinhas com anexos, como se houvesse uma parte da Folhinha de teor mais genérico e permanente, facilmente adaptado a outro ano ou ao mesmo ano para Folhinhas diferentes. Isso pode indicar que os editores usam a estratégia de copiar de um ano para o outro, modificando apenas circunstâncias de datas, períodos. Um exemplo dessa possibilidade são as “Chronicas Nacionais”, uma seção presente em várias delas, que possibilita atualizações de fatos e datas.

Constata-se que, à medida que se especifica no título a temática da Folhinha, a publicação traz um anexo com paginação diferente, mostrando sua independência ou mesmo uma espécie de ruptura em relação a um *continuum* da sequenciação, com a oferta de informações que remetem diretamente ao seu título. Essa independência é também reforçada pela apresentação do índice antes do anexo, indicando que o material genérico se encerrou e que adiante será uma nova composição. Exemplificando, destacamos a *Folhinha dos sonhos para o anno bissexto de 1864*, que traz em seu título uma referência explícita da parte específica, o anexo, e ainda traz, na folha de rosto, uma indicação para o leitor sobre como será apresentada: “contendo além da chronica nacional e de noticias curiosas e interessantes a arte de explicar os sonhos e visões noturnas em forma de dicionario”:



**Fonte** – *Folhinha dos sonhos para o anno de 1864*. Casa de Eduardo & Henrique Laemmert. Rio de Janeiro. APM: OR: Folhinha dos sonhos: 1864. Séc. XIX. Cx. 19. (Contracapa e folha de rosto)



**Fonte:** *Folhinha dos sonhos para o anno de 1864*. Casa de Eduardo & Henrique Laemmert. Rio de Janeiro. APM: OR: *Folhinha dos sonhos*: 1864. Séc. XIX. Cx. 19. (Índice e capa anexo).

Isso se comprova em todas as Folhinhas do nosso corpus, mas, especificamente, destacamos duas Folhinhas diferentes com a mesma data de publicação e da mesma editora: Folhinha para o anno de 1864 e Folhinha dos sonhos para o anno bissexto de 1864. Nesses exemplares, as seções são idênticas em estrutura e conteúdo. Essas Folhinhas se diferenciam apenas no caderno anexado. A Folhinha dos sonhos traz um anexo sobre sonhos e seus significados e a Folhinha de 1864, diferentemente de todas as outras que trazem no título somente a palavra Folhinha, conta com um anexo sobre charadas. Dessa forma, reforçamos nossa hipótese de que há uma estratégia editorial de construção de um material genérico que se copia, nesse caso e nos demais, podendo ser reaproveitado ao gosto do editor, pela repetição de conteúdos de uma Folhinha para a outra e, quem sabe, de uma tipologia de publicação para outra. Nesse último caso, embora a numeração seja contínua entre a parte geral e o anexo que qualifica seu título diferenciado, os cadernos têm independência e podem ser publicados em separado. Outro anexo é o que se refere, ao catálogo de livros. Verificamos que essa estratégia de composição do impresso com um catálogo anexado à Folhinha é exclusiva das casas editoras Laemmert e da A. Guimarães.

A estratégia editorial de construção de um material genérico que apenas se copia, acrescido com outros cadernos independentes (o anexo e o catálogo) indicam a fórmula

editorial aplicada em todas as Folhinhas analisadas que são da mesma editora e do mesmo ano de publicação. Assim, se a tipologia é modificada, o anexo, quando existe, também se altera, mas as seções, a estrutura e o conteúdo são idênticos, apresentando-se sem nenhuma mudança, o que reforça a importância de uma metodologia contrastiva e comparativa para o estudo dos impressos. Com a permanência e diversificação as editoras constroem e representam uma expectativa de abrangência de públicos diversos, ao mesmo tempo em que diversificam os títulos e ofertas de conteúdo para atrair mais leitores.

A Folhinha traz consigo a ideia de uso/circulação junto ao corpo, então “quem tem hoje uma Folhinha possui em diminutas páginas de papel que se acomodam em qualquer algibeira”<sup>5</sup>. Esses dizeres, em diálogo com as análises dos impressos do nosso corpus, possibilitam indagar sobre o peso que tem, na definição do gênero, o formato das Folhinhas e a sua promessa ou possibilidade de se acomodar em qualquer algibeira. Esse dado também remete a reflexões sobre a relação entre corpo e leitura presentes nos estudos de Roger Chartier, não apenas no manuseio, mas no modo de disposição do impresso em determinado local. O formato dos impressos que investigamos reforçam a ideia da leitura como operação de corpo no manuseio, transporte e forma de guarda. As folhinhas apresentam-se em folhas com dimensões pequenas, em formato de livro, variando de 9,0cm x 6,0cm a 13cm x 9,0cm. Assim, esse formato possibilita a circulação desse impresso de uma maneira singular, “presa ao corpo” (Pereira, 2019) e, por caberem em qualquer algibeira, denominam-se *folhinhas de algibeira*.

Nesse sentido, a definição de Neves (2010) permite afirmar que os impressos investigados nesta pesquisa compartilham das mesmas características que ela descreve:

as chamadas Folhinhas de algibeira eram uma espécie de calendário de bolso, com periodicidade anual, que tinham para seus proprietários a função de uma orientação no tempo, com seu calendário geral (não só do ano civil, mas também o do ano solar e lunar), além de notícias cronológicas (festas moveis, dias de grande gala [...] informações históricas (épocas gerais, épocas do Brasil, notícias principais dos Estados da Europa e da América, notícias sobre a história do Brasil; dados geográficos do Império do Brasil[...]. (p. 232).

A prática de se portar a Folhinha presa ao corpo se relaciona à concepção de guia, já

---

<sup>5</sup> Trecho da carta ao leitor da Folhinha de Saudade para o ano de 1857

apresentada, e também pode se ligar à ideia de que a “Folhinha é actualmente um gênero de primeira necessidade”<sup>6</sup>. E, isso significa dizer que tal publicação refere-se a algo relacionado à urgência e necessidade primeira para as camadas populares (Bourdieu, 1983). Ou seja, independentemente de não abordarmos neste trabalho o aspecto da classe social, nos atentamos para o caráter “de urgência” dessa Folhinha, um material que os sujeitos utilizam por uma necessidade de consulta frequente e precisam portar junto ao corpo.

Junta-se à ideia de um gênero de primeira necessidade a característica desse impresso de abarcar uma diversidade de assuntos, o que permite ao leitor consultar várias informações diferentes em um mesmo material. Além disso, a noção de popular pode ser aqui relacionada, ao trazer a característica de um gênero de primeira necessidade. Não vamos tratar dessa questão nesse artigo, mas a noção de popular a que estamos fazendo uso no contexto desta pesquisa está diretamente relacionada à ideia de uma literatura de circulação mais ampla do que propriamente popular (Andries, 1996a, 1996b). Relacionamos o popular também com a ideia de satisfazer todos os públicos (MOLLIER, 2008; EL FAR, 2006) e de uma literatura que se apresenta com características específicas (BRAIDA, 1996).

A periodicidade das Folhinhas que investigamos é anual e, nelas “estão informações de um ano inteiro, e de mais tempo ainda”<sup>7</sup>. Desse modo, constatamos que elas estão além da periodicidade anual. Além disso, destacamos que repercutem nelas estratégias marcadas textual ou simbolicamente, que sugerem expectativas de continuidade e de fidelização dos leitores.

### **Algumas considerações finais**

Por meio da análise das folhinhas de algibeira constatamos que há uma forma e fórmula editorial recorrente na maioria do corpus: uma estrutura fixa composta de um material geral, acrescida de um anexo com temática diretamente relacionada ao título da obra e, na maioria dos casos, de um catálogo de livros. Essa forma de composição possibilitou constatar uma estratégia editorial de segmentação: tanto o anexo como o catálogo de livro, que demonstram independência do material geral. Isso foi constatado

---

<sup>6</sup> Trecho da carta ao leitor da Folhinha de Saudade para o ano de 1857.

<sup>7</sup> Trecho da carta ao leitor da Folhinha de Saudade para o ano de 1857

pela análise da existência de uma paginação sequencial em cada parte e não sequencial entre as partes e a presença de uma nova capa/folha de rosto em cada um deles, mas com a mesma gramatura do texto do miolo das Folhinhas. Essa estratégia de anexar materiais que indicam uma segmentação não foi encontrada em apenas duas Folhinhas do nosso acervo.

Destacamos a ideia de uma publicação de ampla circulação, pela sua abrangência de circulação em uma grande quantidade de espaços físicos que “corre de norte a sul, de leste a oeste” e também pela sua popularidade em relação à possibilidade de circulação em diversos espaços sociais, seja “no palacio do rico, no rancho do pobre, na mão do senador e na do meirinho, no gabinete do advogado e na algibeira do larapio, no santuario do frade[...]”, bem como pela relação entre valor financeiro e a “fatura” no sentido da presença de uma grande composição de saber do material e, por isso, é recomendada “pela exiguidade do preço e pela opulencia do material”. Destacamos que a publicação traz, em sua organização de conteúdo, uma relação direta com o tempo e suas marcações, bem como um discurso que opera com a noção de guiar e orientar seus leitores, num tom de aconselhamento e convencimento sobre as sociabilidades de cada época. Há um sentido mais amplo de representatividade do tempo social (civil e religioso) na dimensão coletiva e individual que pode despertar no leitor um olhar cuidadoso, interessado e respeitoso pelo material, nas palavras do redator, é um material que todos “acatão”<sup>8</sup>. Ao verificar a polissemia dos termos e traços comuns entre várias publicações que não se denominam Folhinha, vê-se que a definição de um gênero editorial, pode: a) depender de onde o impresso é publicado; b) relacionar-se com certa tradição para sua denominação; c) ligar-se a um modelo de variedades/enciclopedismo que circula entre vários impressos, uma vez que informações parecidas podem ser publicadas de forma independente ou apresentadas em outro impresso; d) apresentar-se como um modo de uso pelo formato, como as Folhinhas de Algibeira.

Assim, ao longo do tempo, os significados, os usos e as definições vão se refazendo. Em seus estudos sobre almanaque, Linhares relaciona denominações e a

---

<sup>8</sup> Todas as palavras ou frases entre aspas nesse parágrafo referem-se a trechos da carta ao leitor Anno Novo. *Folhinha Laemmert para o anno de 1885*. Rio de Janeiro, p. 33.



questão de época:

Justifica-se plenamente, porque os almanaques da natureza deste, nada mais são que os anuários, e estes figuraram em todos os trabalhos sobre imprensa. **Quanto ao nome empregado, mera questão de época.** Ninguém adota, no presente, a denominação almanaque para publicações especializadas como esta e sim a de *anuário*. A única publicação desse gênero, que ainda conserva o nome primitivo é o almanaque Laemmert, por força da tradição. As publicações que hoje por aí pululam, com o nome de almanaques são apenas folhetos de propagandas de laboratórios farmacêuticos que não se confundem com os do tipo anuário. (LINHARES, 1995, p.71 – grifo nosso).

Contudo, nota-se que o gênero Folhinha ora é sinônimo de calendário, ora é sinônimo de almanaque, havendo oscilações nas terminologias ou mesmo similitudes entre vários materiais publicados no período ou que se sucederam a ele. Considerando algumas publicações brasileiras, por exemplo, a ideia de Folhinha parece vir antes da ideia de anuário. Dessa forma, reforça-se a perspectiva metodológica de comparar os impressos, buscando uma possível identidade ou propósito ligado a essa denominação. Ao tentar compreender o gênero editorial Folhinhas podemos também entender as complexas relações estabelecidas entre o objeto, o espaço e o tempo, bem como as possibilidades de definição em cada tempo e para cada tipo de prática cultural de uso dos impressos. Significa também pensar como as editoras operam com essas ideias na construção de um projeto editorial.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRIES, Lise. *Almanaques: Revolucionando um Gênero Tradicional*. In: DARNTON, Robert ROCHE, Daniel (orgs). *Revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. EDUSP: SP, 1996b.

BOTREL, Jean-François. *Catálogo Almanak dos Almanagues*. In: MEYER, Marlyse (org.). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 17-18.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Tradução: Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2005.
- MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Atêlie Editorial, 2001.
- MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre História Cultural*. Tradução de Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Folhinhas e almanaques: História e Política no Império do Brasil (1824-1836). In: RIBEIRO, Gladys Sabina e FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz (orgs). *Linguagens e práticas da cidadania no século XIX*. São Paulo. Alameda, 2010.
- NOVA, Vera Casa. *Lições de almanaque: um estudo semiótico*. Editora UFMG. Belo Horizonte, 1996.
- PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de Almanques no Brasil*. São Paulo: Mercado das Letras/FAPESP, 1999. (Coleção Histórias de leitura).
- PEREIRA, Ana Paula Pedersoli. *Folhinhas de algibeira do século XIX: um estudo da forma, função e conteúdo*. Belo Horizonte: UFMG, 2019. (Tese, Doutorado em Educação).